

GESTÃO E ACESSO A ACERVOS DE SOM E IMAGEM: O ESTUDO DE CASO DA ESCOLA DE DESIGN / UEMG

Alessandro Ferreira Costa

alessandrocosta@eci.ufmg.br

Escola de Ciência da Informação - Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG)

RESUMO

A democratização do acesso a documentos arquivísticos, bem como as informações neles registradas, endossa o compromisso social dos arquivos na formação e inserção do cidadão na sociedade do seu tempo. Nesse contexto, o presente artigo tem por objetivo apresentar estudo de caso referente à institucionalização e operacionalização de arquivo especialista na salvaguarda de documentos de som e imagem provenientes da prática do design, produzidos/reunidos no decorrer das atividades funcionais da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, em seus 55 anos de tradição no ensino e pesquisa nesse campo do conhecimento; por intermédio de projeto de pesquisa ali desenvolvido no período compreendido entre os anos de 2008 e 2010. Ainda, o presente estudo visa descrever o cenário encontrado no início dos trabalhos - no que concerne a organização e preservação dessa massa documental, de ampla relevância histórica para a instituição e para o desenvolvimento científico da área - e como essa perspectiva inicial adquiriu novos contornos a partir da integração de funcionários técnicos, docentes e alunos, motivados não apenas pela memória em resgate, mas também, pela garantia de posteridade do acervo.

Palavras-chave: Arquivo universitário, som, imagem, design, memória.

1. INTRODUÇÃO

São inúmeras as possibilidades do indivíduo humano em simbolizar, traduzir e interagir com o espaço físico, social e histórico que o envolve e no qual está inserido. Dentro dessa múltipla e complexa capacidade de trocas e transformações a qual denominamos *cultura*, configura-se o design, que participa desse contexto interpretando e transmitindo em seus processos e

produtos, mensagens e sentidos que se integram ao modo de vida do cotidiano, fortemente marcado pelo uso de imagens e sons enquanto meio interlocutor de informações. Fundamentado pela correlação e combinação de idéias, princípios, métodos e processos, o design busca estabelecer soluções e produtos em plena sintonia com o seu tempo e com as funções para as quais foram criados. Segundo Lia Krucken (2008, p.23):

O principal desafio do design na contemporaneidade é, justamente, desenvolver e/ou suportar o desenvolvimento de soluções a questões de alta complexidade, que exigem uma visão alargada do projeto, envolvendo produtos, serviços e comunicação, de forma conjunta e sustentável. É neste contexto que a riqueza interpretativa e a habilidade visionária, características próprias desta disciplina, podem contribuir para o desenvolvimento de uma pluralidade de soluções e de cenários futuros.

O desenvolvimento de um projeto de design não é consequência livre de cores, formas e materiais associados de maneira despropositada, e sim, resultado de intenso esforço de pesquisa e análise, orientado por critérios objetivos, que vão desde a avaliação de aspectos econômicos e tecnológicos, a impactos e repercussões sociais e culturais de sua ação. Para Bernhard Bürdek (2006, p.225), “lidar com design significa sempre refletir as condições sob as quais ele foi estabelecido e visualizá-las em seus produtos”. É estabelecer em seu discurso coerência capaz de retratar, realimentar e transformar o mesmo contexto cultural e social no qual fora chamado a atuar (VILLAS-BOAS, 2002). Para que esse encadeamento complexo de ações possa ser operacionalizado, faz-se necessário o acúmulo corrente de documentos que subsidiem estratégias, decisões e a própria materialização de um produto ou serviço, independente de sua natureza. Esse conjunto de documentos, muitas das vezes arquivados segundo padrões próprios adotados por escritórios e indústrias, e em condições físicas adversas às suas reais necessidades, mantém-se reunido até a conclusão das atividades previstas. Posteriormente, esses mesmos documentos são, na grande maioria dos casos, dispersos ou simplesmente descartados em virtude do produto final já concluso, havendo, portanto, perda significativa do histórico processual que balizou todas as etapas daquele trabalho. Esse mesmo cenário pode também ser percebido em instituições de ensino que trabalham com a formação profissional de futuros designers e pesquisadores desse campo, contraditoriamente, tornando-se exemplo de um comportamento inadequado. Como afirma Jacob Heiner (2008), o espaço universitário não deve ser compreendido apenas como edifício ou campus que reúne estudantes e instalações, mas fundamentalmente, local potencialmente favorável ao trabalho de investigação e compartilhamento de informações.

Dentro dessa premissa, entendemos como imperativo que esses centros de educação conscientizem-se do seu importante papel na divulgação e acesso do que hoje é produzido em suas unidades, não só àqueles que se encontram institucionalmente vinculados à sua estrutura organizacional, mas a todos que se mostrem desejosos por novos conhecimentos. É nesse contexto que se apresenta o presente artigo, um relato de experiência desenvolvida pela Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais na busca por tornar público e acessível, conjunto de documentos que permaneceram no “esquecimento” no decorrer das últimas cinco décadas. O resultado dessa jornada é a redescoberta pela própria instituição dos muitos caminhos percorridos desde sua fundação, agora não mais por meio dos convencionais documentos administrativos, e sim, pela imagem e pelo som de sua história.

2. CONSTITUIÇÃO DE ACERVOS DE SOM E IMAGEM: CENTROS DE INFORMAÇÃO E MEMÓRIA PARA O ENSINO E PESQUISA EM DESIGN

A formação de conjuntos documentais está intimamente relacionada ao ato de colecionar tão característico da natureza humana (MOTTA, 1993). Conforme Simone Weitzel (2002), a reunião de documentos se confronta diariamente com questões próprias da natureza do processo, tais como o que se guardar, que propósitos orientam essa atitude, a quem serve esse material, bem como os meios mais adequados à sua guarda efetiva. A ausência de procedimentos críticos e sistemáticos no agrupamento desses documentos acarreta perda significativa do seu valor informativo e probatório, resultando no que Jean Baudrillard (1973) classifica como *amontoado de papéis*, de pouca significância enquanto registro processual.

Conceitualmente, definimos aqui o termo *acervo* como reunião natural de documentos, segundo sua origem e função, independente da forma e do suporte no qual se encontram registrados, caracterizados como fontes de informação provenientes do decurso de uma atividade específica, realizada por pessoa ou conjunto dessas (ARAÚJO e BATALHA, 1999; BELLOTTO, 2004; SCHELLENBERG, 2004). Por meio dos documentos, as sociedades adquiriram no decurso do tempo o valor da palavra, da prova e da lei; por intermédio dos arquivos, esses registros firmaram sua importância perene (GOMES e HELLUY, 1976).

Imagem e som, bem como sua associação, representam linguagens e meios documentáveis amplamente difundidos e presentes nas práticas sócio-culturais contemporâneas. Negligenciar

tal realidade é pactuar com a desinformação. No que compete às imagens em movimento, Flávia Cesarino Costa (2005, p.17) analisa:

O surgimento do cinema no final do século XIX marcou início de uma era de predominância da imagem. Os filmes desenvolveram uma linguagem audiovisual que se tornou dominante no planeta e que foi assimilada pela televisão e pelas mídias eletrônicas. O padrão de organização de imagens, sons criados pela linguagem cinematográfica tem, desde então, influenciado nossas maneiras de conceber e representar o mundo, nossa subjetividade, nosso modo de vivenciar nossas experiências, de armazenar conhecimento e transmitir informações.

Nesse sentido, acervos documentais de som e imagem se caracterizam por serem capazes de conduzir em seus usuários experiência única e complexa no que compete às possibilidades sensoriais de leitura e interpretação. Citando Cláudia Hlebetz Teixeira (1993), o espaço narrativo tece discursos, modos de ver que muitas das vezes estão além do documento, e como analisa Maria Eliza Linhares Borges (2005, p.76), o “documento histórico não mais é concebido como um dado puro que fala por si mesmo e se oferece, objetivamente, ao historiador”, é necessário se pensar também, como afirma Julio Pinto (1996, p.87), “semioticamente a noção de informação, através do argumento básico de que toda a informação a que temos acesso é necessariamente veiculada através de signos”, notadamente aquelas associadas ao tipo de documento objeto deste trabalho e sua contextualização no campo do design. Este, por sua vez, indica novas possibilidades de produção/reprodução de mensagens e sentidos associados aos mais diversos produtos, adquirindo papel cada vez mais relevante e dinâmico nas sociedades contemporâneas. Assim sendo, é inquestionável a relevância de se estabelecer fontes documentais permanentes que possam subsidiar quaisquer demandas de pesquisas relacionadas ao tema, seja no âmbito da educação, da prática profissional e afins, proporcionando acesso não somente a base bibliográfica, mas também, aos citados documentos de imagem e som (filmes, fotografias, áudios, projetos, desenhos, impressos) tão comuns à área do design, que demonstram, através de sua densidade natural, aspectos processuais, técnicos, teóricos e artísticos envolvidos no processo de criação e de desenvolvimento de produtos. Em sentido mais amplo, discorre Francisco Homem de Melo (2004, p.104) sobre a importância da guarda desses documentos para o designer e para a memória do design nacional:

Documentar, arquivar, incorporar ao portfólio e eventualmente divulgar o projeto são ações fundamentais tanto para o profissional quanto para a afirmação da profissão. Sem a memória dos projetos realizados, não haverá memória do design brasileiro. Todo projeto é uma afirmação sobre um determinado modo de fazer design, e, como tal, deve

ser documentado e arquivado. Olhando a questão a partir de uma perspectiva de curto prazo, essa documentação é indispensável, pois será a matéria-prima a partir da qual o designer vai montar seu portfólio, apresentar-se a futuros clientes, e divulgar sua produção. Ampliando a perspectiva, essa documentação, além de construir a memória do designer, é também uma memória social. A história do design brasileiro vai avançar em bases sólidas se estiver alicerçada na produção efetiva dos profissionais. A sistematização dessa história ainda tem um longo caminho pela frente, mas a produção de cada designer é um modo de contribuir efetivamente na construção do enorme edifício que constrói a cultura do país.

Tal como afirma o autor sobre a importância da participação dos indivíduos na construção de um todo a que chama *memória social*, pode (e deve) o mesmo pensamento ser incorporado no contexto das instituições de ensino superior no que diz respeito ao zelo de guarda do que é gerado, em termos documentais, em função de suas atribuições práticas, ou seja, consequência das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Contudo, lidar com documentos em formatos e suportes especiais, objeto de reflexão deste artigo, demanda não só mudança de postura da instituição produtora/mantenedora, mas também, daqueles que se propõem gerir esse material. Baseando-nos nesses dois critérios de mudança e na idéia descrita por Cecília Braslavsky (2005, p.35) de que “não há qualidade educacional sem um entorno rico em materiais que possam ser utilizados como materiais de aprendizagem”, conjuntamente à Escola de Design (ED) e ao Centro de Estudos em Design da Imagem (Centro da Imagem)[1], deu-se início um amplo processo de reformulação nas práticas acadêmicas relacionadas à produção e, principalmente, à guarda de documentos associados ao som e à imagem, enquanto registro das atividades da ED e base para a geração de novos conhecimentos.

2.1. Arquivo de Som e Imagem - ASI

O processo de idealização do ASI, bem como o alcance de suas possibilidades práticas, deu-se de maneira gradual no período compreendido entre os anos de 2008 e 2010. Em um primeiro momento, foi constatado junto à coordenação do Centro da Imagem, presença de grande volume de documentos, de diversas épocas, suportes e funções, estocados em uma sala, sem qualquer critério de organização ou preservação física. Assim mesmo, ainda que diante de um aglomerado de impressos, centenas de slides e fotografias, fitas magnéticas de áudio e vídeo e, até mesmo, películas de cinema em 08mm e 16mm; foi possível perceber a riqueza daquele material não apenas como potencial fonte de pesquisa de interesse público, mas, principalmente, como resgate, ainda que fragmentado bem o sabíamos, da história da ED e os caminhos por ela percorridos em seus 55 anos de existência. Com apoio irrestrito da

coordenadora do Centro da Imagem, Profa. Rosemary Portugal de Souza, foi aprovado junto a ED o projeto de pesquisa *Pelos rastros da história: arquivo de som e imagem da escola de design - ASI/ED* que tinha por objetivo inicial apenas o acondicionamento físico adequado daquela massa documental, de maneira a garantir sobrevida à mesma. Com a participação de um estagiário (aluno) voluntário, deu-se início a transferência das inúmeras “caixas arquivo”, tal como se encontravam as mesmas originalmente guardadas, a um espaço especificamente reservado à manutenção do acervo. Ainda que cientes da ausência de planejamento prévio no processo de cumulação daqueles documentos, toda a atividade foi detalhada com indicação numérica das caixas e sua localização topográfica no espaço original. Feita transferência física daquelas e respeitada sua “ordem”, nos foi possível abertura e apreciação dos documentos ali guardados, processo este que demandou cerca de oito meses para elaboração de um diagnóstico objetivo das reais condições do acervo, em termos quantitativos como qualitativos. Para fins de descrição neste texto, tomamos por referência breve análise dos documentos custodiados por tipo de suporte:

- 1. Fitas magnéticas (VHS):** encontravam-se dispersas por entre caixas de papelão [2] e armários (de aço e madeira), que também serviam de depósito para câmeras fotográficas e de vídeo, cabeamento, iluminação, baterias e afins. Aleatoriamente dispostas nesses espaços, identificamos que: a) cerca de 10% do material já apresentava estágios diferenciados de deterioração física; b) mais de 50% das fitas não se encontravam rebobinadas; c) 90% daquelas não possuíam qualquer tipo de identificação externa quanto ao seu conteúdo; d) cerca de 20% não se encontravam em nenhum tipo de invólucro de proteção, seja este de papel ou plástico, ficando totalmente expostas a ação do tempo e outros agentes nocivos. As fitas VHS que apresentavam danos físicos foram separadas das demais e acondicionadas em local próprio, aguardando recursos humanos e orçamentários para sua recuperação. As demais, por sua vez, foram reunidas segundo procedência, higienizadas e guardadas para futuro trabalho de catalogação e descrição de conteúdo, já concluídos;
- 2. Fitas magnéticas (áudio):** representando pequena parte do acervo (proporcionalmente aos demais documentos), as informações ali registradas superam em valor seu volume material. Contrariamente à situação das fitas VHS, as fitas cassetes encontravam-se em bom estado físico geral, devidamente rebobinadas e com detalhamento externo quanto ao seu conteúdo. No que se refere a este, são as fitas divididas em dois grupos: 1) áudio referente a trilhas sonoras de filmes (notadamente animação) produzidos pelo

Centro da Imagem, vocacionado a este tipo de produção; e 2) registros de entrevistas e palestras de personalidades do design, em diferentes épocas e locais. Mesmo que devidamente acondicionadas, ainda hoje não foi possível tratamento plenamente adequado dessas fitas, tão pouco sua conversão digital para maior acesso ao conjunto de informações ali registradas, em virtude da necessidade estratégica em se priorizar outros documentos mais comprometidos quanto ao estado de conservação e perda iminente. Contudo, projetos vêm sendo elaborados para esse fim;

- 3. Slides:** totalizando número superior a 2000 registros visuais, representam a pluralidade do uso deste tipo de suporte nas atividades acadêmicas da Instituição, antes do advento das tecnologias digitais. Reúnem imagens de obras de arte, projetos técnicos, anatomia humana, produtos, mostras competitivas de design, palestras, eventos comemorativos e outros tantos temas correlacionados aos conteúdos lecionados em salas de aula naquela unidade e à própria história da ED. O excelente estado de conservação desses documentos, bem como a relevância (muitas das vezes, único registro) das informações ali impressas, motivou tratamento mais detalhado, de maneira a ampliar seu uso como fonte de pesquisa: por meio de parceria estabelecida com o proprietário original da quase totalidade desses slides, também professor da Escola de Design, vem sendo realizada a identificação e a descrição unitária desses registros, detalhando tudo o que possível em termos de autoria, datas, indicação de eventos, personalidades, produtos, prêmios, enfim, informações pertinentes e precisas que possam permitir ao usuário entendimento mais pormenorizado acerca do documento acessado. A este trabalho, espera-se futura digitalização do acervo (infra-estrutura tecnológica já se encontra disponível por meio de projeto financiado pela FAPEMIG) e sua disponibilização irrestrita através de banco de dados acessível via internet;
- 4. Fotografias:** espaçadas por entre caixas e álbuns, traduzem visualmente todas as décadas de existência da ED, contendo imagens que ilustram a rotina da sala de aula e da prática do ensino, eventos e pessoas, a arquitetura dos espaços que abrigaram a instituição no decorrer dos tempos, movimentos estudantis e confraternizações; tudo isso impregnado pela “atmosfera” da época. Bem conservadas, as fotografias já se encontravam submetidas a um padrão de organização, separadas de acordo com as décadas em que foram produzidas. A ausência de informações complementares a esse material, que pudesse subsidiar futuro trabalho de catalogação da equipe do ASI, gerou, favoravelmente, a participação de funcionários seniores (técnicos e professores)

e ex-alunos que, estimulados pelo resgate histórico da instituição, foram gradualmente se disponibilizando para apreciação e leitura dessa massa documental, indicando dados de alta relevância que dificilmente estariam disponíveis em outros meios;

5. **Películas:** totalizando oito filmes distribuídos entre animação, ficção live-action e documentários, encontram-se, aparentemente, em perfeito estado de conservação física. Ainda que identificado o conteúdo unitário das latas, por meio de ficha de registro fixada no lado externo dos invólucros, não foi possível ainda a exibição dos rolos pela falta de recursos técnicos de projeção, como também, a incerteza quanto a resistência das películas quando submetidas à alta temperatura da luz;
6. **Impressos:** centenas de documentos, nos mais diversos cortes e dimensões, foram também encontrados em meio às caixas e armários, bem como dispersos sobre mesas, em mapotecas ou fixados sobre paredes; documentos esses que revelam muito mais que os aspectos estético-artísticos de sua composição gráfica, mas que **comprovam e validam** série de fatos e eventos que permearam a história institucional da ED bem como da própria Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), característica esta, bem verdade, presente em todos os documentos anteriormente citados. Cartazes, folders, convites, cartões, informativos e HQ's, são alguns exemplos dos tipos de impressos que compõem o acervo depositado no Centro da Imagem, posteriormente transferidos ao ASI. Devidamente selecionados e higienizados, encontram-se hoje acondicionados em espaço adequado e preservados para seus devidos fins.

Conhecidos, então, suportes e tipos de documentos depositados no Centro da Imagem, bem como seu volume e estado de conservação, nos foi possível entender a real dimensão do projeto em curso: fazia-se necessário mais que o acondicionamento correto daquela massa documental, era mister estabelecer um arquivo, reconhecido institucionalmente, que pudesse gerenciar não apenas o acervo recolhido nas últimas décadas, mas também, tudo o que fosse permanentemente produzido/reunido, no âmbito da imagem e do som, dentro da ED. Surgia o ASI.

Conceitualmente, o ASI representa iniciativa ímpar no que compete a idealização de um centro de gestão de documentos especialista em imagem e som, vinculado a uma unidade acadêmica vocacionada ao ensino do design. Sua materialização só foi possível em virtude de alguns fatores, que citamos e destacamos:

- a) Implantação (2008-2010) do Projeto LEDI - *Laboratório de Estudos em Design da Imagem*, integralmente financiado pela FAPEMIG e coordenado pelo autor deste artigo. Projeto complementar do PROCED - Capacitação Tecnológica da Escola de Design para o Programa de Mestrado, que propôs a modernização e adequação da infra-estrutura laboratorial de pesquisa da ED às necessidades de um programa de pós-graduação *stricto sensu* de Mestrado em Design; trata-se, especificamente, da instalação e operacionalização de laboratório de alta performance tecnológica especialista no desenvolvimento de produtos na área da imagem e do som. Neste contexto, o ASI assume importante papel junto ao LEDI na gestão de tudo o quanto é produzido em termos de pesquisa e desenvolvimento, dentro das especificidades do laboratório, garantido acesso rápido e irrestrito a esse material quando este se fizer necessário. Isso significa aumento significativo da eficiência e eficácia dos processos de recuperação de documentos, beneficiando não somente aqueles produzem, como também, aqueles que acessam o acervo enquanto fonte de pesquisa. Esse papel de destaque possibilitou ao ASI aquisição de computador e scanner de alto desempenho, para uso exclusivo do arquivo, para digitalização futura do seu acervo (a exceção de imagens em movimento e áudio, a serem digitalmente convertidos em outro ambiente do LEDI: o *laboratório de edição de som e imagem*), bem como de sistema de ar refrigerado para suas dependências;
- b) Doação, por parte da mantenedora do ASI, de mobiliário necessário para a realização das atividades previstas pelo arquivo e materiais outros a serem utilizados no acondicionamento e manutenção dos documentos custodiados;
- c) Disponibilização de bolsa de iniciação científica da FAPEMIG para o projeto *Reverendo a história: imagem e som - gestão do acervo documental recolhido no centro de estudos em design da imagem da escola de design*, já concluído, de Ivone Gomes da Silva, vinculado à pesquisa *Pelos rastros da história: arquivo de som e imagem da escola de design - ASI/ED* (já mencionada), que teve por objetivo: 1. estabelecer plano de arranjo para o ASI; 2. catalogar e descrever todo o acervo disposto em grupos e séries, num total de 620 documentos (1ª fase); 3. elaborar instrumento de pesquisa que potencialize o acesso aos documentos guardados; 4. acondicionar o acervo segundo parâmetros de higiene e conservação, tendo por referência as especificidades dos suportes; e 5. estabelecer “código de posturas” normalizando regras no requerimento e manuseio do material de arquivo;

- d) Disponibilização de bolsa de iniciação científica Estadual/UEMG para o projeto *Produção tipográfica no ensino acadêmico: o acervo tipográfico da escola de design/uemg*, já concluído, de Deborah Pereira Alves, também vinculado à pesquisa supracitada, que recolheu e identificou o acervo tipográfico produzido na ED, promovendo a memória da instituição e o incremento da pesquisa no campo da Tipografia e sua aplicação no Design Gráfico; fundamental para ampliar o impacto do ASI junto a futuros projetos de IC, trabalhos de conclusão de curso (graduação e pós-graduação) e linhas de pesquisa do programa de Mestrado.

O contato com a massa documental em questão nos revelou os últimos 35 anos de história da ED/UEMG em cerca de dois anos de pesquisa, permitindo, assim, que todos os membros da equipe adquirissem maior entendimento sobre a própria instituição a qual estavam vinculados. Foi oportunizado manuseio dos primeiros trabalhos de futuros profissionais que se tornaram grandes nomes do design, referências de estudo em sala de aula ou até mesmo professores da Escola. Por intermédio das fitas de vídeo, por exemplo, nos foi possível acompanhar visitas de personalidades políticas na ED e o relato de todos os problemas institucionais vivenciados pela mesma (de orçamento a infra-estrutura física) expostos aos dignitários representantes do Executivo do Estado de Minas Gerais; várias confraternizações realizadas nas dependências da ED, com participação de alunos e professores, e as peculiaridades decorrentes do momento histórico (moda, música, comportamento e afins); palestras completas com nomes hoje consagrados do design, da arte e da comunicação; registro de manifestações de discentes exigindo melhores condições de estrutura física em prédios que abrigaram a ED; além de dezenas de filmes de animação (e alguns *live-actions*) produzidos por então alunos da Escola, muitos desses premiados nacional e internacionalmente. No entanto, esta experiência ainda assim foi limitada pelo acesso restrito a “fragmentos” de 55 anos de atuação e tradição da ED/UEMG no ensino do design em Belo Horizonte, uma vez que os primeiros 20 anos dessa história encontram-se eclipsados no esquecimento por falta de documentos que comprovem e registrem sua presença no tempo e no espaço... O que seria hoje se todos os documentos representativos tivessem sido resguardados, criteriosamente, ao futuro?

2.2. Uma História Fragmentada

Em mais de meio século de história, o recolhimento dos documentos relativos às atividades produtivas da instituição deu-se de maneira precária e, até mesmo, negligenciada por muitos

de seus dirigentes e pelo poder público. Havia pouca consciência prática da importância desse material enquanto patrimônio documental. Disperso e muitas vezes acondicionado de maneira inadequada, somente parcela desses documentos resistiu às intempéries do tempo, a ação (ou falta de ação) do homem, às mudanças de sedes. A massa documental, objeto deste relato, foi salva do esquecimento graças à iniciativa de professores e funcionários que, sensibilizados, retiraram esse material debaixo de escombros e do interior dos lixos. Segundo relatos, esses materiais chegaram a ser guardados provisoriamente em residências particulares no intuito de evitar que fossem de todo descartados. Desta forma, hoje, parte dessa história pôde ser resguardada, catalogada e disponibilizada para que as próximas gerações possam acessá-la e tomar consciência daquelas que as antecederam.

2.3. Desafios do ASI (presente e futuro)

Prognosticar cenários, independente ao assunto que se refere, é sempre tarefa árdua e complexa, ainda mais quando lidamos com algo eminentemente novo, como é a relação do ASI com o complexo ED (Centro da Imagem e LEDI). Contudo, algumas considerações quanto aos desafios institucionais que o arquivo de som e imagem será submetido, são passíveis de redação:

- a) Empreender, por meio de atividades educativas, mudanças de comportamento daqueles que desenvolvem produtos audiovisuais, visuais e/ou sonoros, quanto a importância em se organizar e manter guardados tudo o quanto fora reunido e/ou gerado para a conclusão de uma dada obra/produto, de maneira que a equipe do ASI tenha condições de estabelecer, por meio de critérios avaliativos, o que deve ser recolhido e como isso se dará;
- b) Ser o ASI agente cada vez mais participativo no fomento a novas pesquisas;
- c) Buscar, por meio de projetos, recursos orçamentários para subsídio de suas atividades funcionais bem como a manutenção e expansão do seu acervo documental;
- d) Dar segmento ao projeto *ASI Digital*, originalmente por nós proposto, objetivando disponibilizar, por meio de banco de dados on-line, versões digitais dos documentos guardados em sua dependência, gerando maior socialização desse material;
- e) Qualificação/instrução permanente de pessoal, por meio de atividades de extensão, quanto a sistemáticas de organização de documentos, manuseio, métodos adequados de guarda e conservação preventiva, dentre outros, que possam estimular o interesse

de alunos, funcionários, professores e membros da comunidade, pela área da arquivologia e sua interface com o som e a imagem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhuma área do conhecimento humano será capaz de promover o desenvolvimento individual e coletivo sem criar subsídios para seu próprio campo de atuação. Ciente desse princípio, o ASI possibilita o contato com um passado então esquecido, agora à tona, a partir de documentos que discursam sobre a trajetória e o ensino do design, num cotidiano distante cronologicamente de nós, mas que tem muito a nos dizer acerca de experiências teóricas e práticas relacionadas a essa área.

No campo da pesquisa, é oportunizado aos seus usuários estabelecer correlações entre produtos de épocas distintas, podendo traçar novas possibilidades de investigação no que tange as transformações tecnológicas, culturais, técnicas e processuais. Esses usuários poderão, ainda, analisar experiências vivenciadas por outros profissionais que, em contextos distintos, retrataram em seus processos o percurso das artes ao longo do tempo. Além disso, as referências visuais permitem o aumento significativo do repertório intelectual e, conseqüentemente, o aprimoramento de habilidades criativas.

A proposta inicial do projeto era o resgate da memória institucional. No entanto, ao longo de seu desenvolvimento, percebemos que sua maior importância está relacionada, de fato, com a preservação de um futuro ainda em construção, uma vez que hoje apenas parte da história passada serve de instrumento de pesquisa e reflexão, um alerta às próximas gerações de alunos e gestores que fazem e constituem a Escola de Design da UEMG, bem como a todas instituições de ensino que objetivam fazer de sua história o maior legado à sociedade.

4. NOTAS

[1] A Escola de Design é constituída, dentre outros espaços e departamentos, de centros de pesquisas, lugares de convergência de ações das grandes áreas temáticas, que orientam a formação dos alunos durante todo o curso e consolidam a pesquisa, possibilitando constante desenvolvimento conceitual, ao mesmo tempo que contribuem para o avanço da discussão crítica sobre a atividade do design.

[2] As caixas mencionadas não correspondem a nenhum box especialmente elaborado para aquela função, e sim, embalagens reutilizadas de eletro-eletrônicos e outros.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ângela M. C.; BATALHA, Cláudio H. M. Preservação da memória e pesquisa: a experiência do arquivo edgard ieuenroth (AEL). In: SILVA, Zélia Lopes da. **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p.65-77.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASLAVSKY, Cecília. **Dez fatores para uma educação de qualidade para todos no século XXI**. São Paulo: Ed. Moderna, 2005.

BÜRDEK, Bernhard E. **Design: história, teoria e prática do design de produtos**. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda., 2006.

COSTA, Flávia Cesarino. **O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

GOMES, Francelino Araújo; HELLUY, Hâmida Rodrigues. **Manual de arquivo e documentação**. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 1976.

KRUCKEN, Lia. Competências para o design na sociedade contemporânea. **Cadernos de estudos avançados em design: transversalidade**. Belo Horizonte, ED/UEMG, caderno 2, v.1, 2008, p.23-32.

HEINER, Jacob. La enseñanza del diseño: trayectoria de los cambios em europa. In: HERNADEZ, Silvia; BONSIPE, Gui. **Historia del diseño en américa latina e caribe-**

industrialización y comunicación visual para la autonomía. São Paulo: Editora Blücher, 2008. p.300-307.

MELO, Francisco Homem de. O processo do projeto. In: Associação dos Designers Gráficos. **O valor do design: guia ADG de prática profissional do designer gráfico.** São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2004. p. 91-105.

MOTTA, Vera Maria Rocha V. **Arquivos privados de titulares mineiros - 1930/1983: um estudo sobre localização, composição e condições de uso dos documentos.** Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação / Universidade Federal de Minas Gerais, 1993.

PINTO, Julio. Semiótica e informação. **Perspectivas em ciência da informação.** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação, v.1, n.1, p.87-92, jan/jun.1996.

SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. **Arquivos modernos: princípios e teorias.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

TEIXEIRA, Cláudia Hlebetz. **Interpretando o fenômeno da informação: um estudo dos universos informativos como universos de narração.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

VILLAS-BOAS, André. **Identidade e Cultura.** Rio de Janeiro: Editora 2AB, 2002.

WEITZEL, Simone R. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspectivas em Ciência da Informação.** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação, v.7, n.1, p.61-67, jan./jun. de 2002.

6. ANEXO

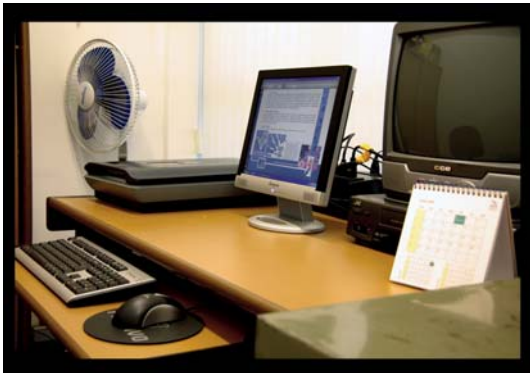


Figura 01: Espaço para digitalização de imagens do ASI.



Figura 02: Parte do acervo videográfico do arquivo.



Figura 03: Acondicionamento do material impresso.



Figura 04: Fotomontagem de divulgação do ASI - Escola de Design / UEMG.